



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II

AOS BISPOS DAS ANTILHAS

POR OCASIÃO DA VISITA

"AD LIMINA APOSTOLORUM" *Sexta-feira, 4 de Maio de 1979 Queridos Irmãos em Nosso Senhor Jesus*

Cristo Com profundo amor fraternal dou-vos hoje as boas-vindas. Como membros e observadores da Conferência Episcopal das Antilhas reunistes-vos junto do túmulo do Apóstolo Pedro — e ao mesmo tempo com o seu sucessor para celebrardes a vossa unidade em Cristo e na Igreja: Como provindes duma Conferência que se ocupa de tantas nações e povos diferentes das Caraíbas e do continente, julgo que podeis reflectir com especial interesse sobre o importante assunto da unidade da Igreja. Creio também que a insistência do Concílio Vaticano II no mistério da Igreja como "sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano" (*Lumen Gentium*, 1) tem significado profundíssimo para todos vós. E como a reflexão sobre este assunto e ao mesmo tempo causa de imensa alegria e de fortaleza espiritual, eu apresento-vo-la esta manhã, pedindo ao Espírito Santo por cujo poder e a Igreja unificada na sua comunhão eclesial e no seu ministério (Cfr. *Lumen Gentium*, 4) — que nos conceda a graça que pediu Cristo: que fôssemos *consummati in unum* (*Jo 17, 23*). Comunhão e ministério são verdadeiramente dois importantes aspectos da unidade da Igreja, de que nós somos servos e guardas. Ver a Igreja como comunhão é penetrar no coração do seu mistério e na identidade do nosso ministério como Bispos, que são chamados a proclamar que a nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo (*1 Jo 1, 3*). A comunhão que nós promovemos e alimentamos é comunhão de fé em Deus. Cremos no Pai, que devido ao seu infinito amor se revela a Si mesmo, e mediante o poder do Espírito Santo nos dá a salvação na Sua Palavra Encarnada. Cremos em nosso Senhor Jesus Cristo, que pela Sua morte reúne na unidade da Sua Igreja os filhos de Deus que andam dispersos (Cfr. *Jo 11, 52*). Para nós Bispos, esta comunhão de fé é a base da nossa missão apostólica de construir a Igreja pregando o Evangelho, encontrando-se cada um de nós solidário com São Paulo que diz: "Fui escolhido para o Evangelho como pregador, apóstolo e mestre..." (*1 Tim 1, 11*). A nossa comunhão de fé lança também luz sobre a unidade do nosso ministério, segundo o qual nós anunciamos com a Igreja universal a mensagem imutável da salvação em Cristo. A nossa comunhão de fé impõe-nos a grande responsabilidade, a que somos fiéis pelo poder de Deus, de dar ao nosso povo a plenitude da doutrina cristã. No seu último discurso, no dia mesmo em que morreu, o meu predecessor João Paulo I falou dela, do ponto de vista do Povo de Deus, dizendo: "Entre os direitos dos fiéis, um dos principais é o de receberem a palavra de Deus na sua integridade e pureza, com todas as suas exigências e o seu poder" (*Discurso aos Bispos das Filipinas*, 28 de Setembro de 1978). A unidade da Igreja é igualmente manifestada na nossa comunhão de amor, amor que leva mais alto do que podemos por nós próprios e nos é infundido no Baptismo, amor pelo qual nós amamos a Deus com todo o nosso coração, alma e mente, e ao nosso próximo como a nós mesmos (Cfr. *Mt 22, 37-39*). Santo Agostinho apresenta-nos a verdade com grande penetração ao dizer: "Amar a Deus vem primeiro como mandamento, mas amar o nosso próximo vem primeiro como

actividade" (*Dei dilectio prior est ordine praecipendi, proximi autem dilectio prior est ordine faciendi*) (Santo Agostinho, *In Ioann. Tract.* 17). Compreendendo-o, o nosso ministério toma novo vigor quando nos apresentamos a todo o povo para lhe comunicar o amor de Cristo, pondo em prática o Seu mandamento de amor. Na comunhão de amor encontramos a força que nos conforta para servirmos a humanidade. Na mensagem do Evangelho aprendemos a respeitar o homem e a promover as exigências inevitáveis da dignidade humana e a ajudar a humanidade a continuar a construir a civilização do amor. Na expressão do Concílio Vaticano II; a grande unidade que deseja Cristo para a Sua Igreja está modelada e encontra a sua fonte na unidade da Santíssima Trindade e subsiste na Igreja Católica (Cfr. *Lumen Gentium*, 8; *Unitatis Redintegratio*, 2, 3). Sabemos porém que muito falta para estar acabada a missão de promover a restauração da unidade entre todos os cristãos. É missão que recebemos do Senhor. A fidelidade a Jesus Cristo requer prosseguirmos com vigor na causa da unidade cristã. Nos nossos dias, comunicou o Espírito Santo ao mundo vigoroso impulso neste particular: *ut omnes unum sint* (*Jo* 17, 21.). Este empenho do Concílio Ecuménico é claro, e eu, como Papa, conforme disse "desde a minha eleição, comprometi-me formalmente a promover a execução das suas normas e orientações, considerando estar nisso para mim um dever primordial" (*Discurso ao Secretariado para a União dos Cristãos*, 18 de Novembro de 1978). Ao mesmo tempo, devemos dedicar o nosso esforço e adoptar os meios para levar os cristãos à unidade. O Concílio apresenta sugestões pormenorizadas. De particular importância é a questão de examinar a nossa própria fidelidade a Cristo: somos continuamente chamados à conversão ou mudança de coração. É útil hoje repetir a recomendação do Concílio: "Esta conversão do coração e esta santidade de vida, juntamente com as orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos, devem ser tidas como a alma de todo o movimento ecuménico, e com razão podem ser chamadas ecumenismo espiritual (*Unitatis Redintegratio*, 8). É inevitável e verdadeiramente salutar que, sendo cristãos verdadeiramente empenhados na restauração da unidade, eles sofram com as divisões existentes. Como indiquei no discurso acima mencionado: "Não se cura um mal aplicando analgésicos mas atacando as causas". Devemos continuar a trabalhar humilde e resolutamente para suprimir as divisões existentes e restaurar a unidade plena na fé, que é condição para se participar na Eucaristia. De grande importância é que "em cada celebração eucarística é toda a fé da Igreja que entra em actividade: é a comunhão eclesial em todas as suas dimensões que se manifesta e realiza" (*Ibid.*). Participar na Eucaristia pressupõe, por conseguinte, unidade na fé. A intercomunhão entre cristãos divididos não é resposta ao apelo de Cristo para a unidade perfeita. Deus marcou uma hora para a realização do desígnio salvífico sobre a unidade dos cristãos. Como nós suspiramos por essa hora, em oração comum e em diálogo, e nos esforçamos por oferecer um coração cada vez mais purificado ao Senhor, devemos também esperar na acção do Senhor. Há-de dizer-se e repetir-se que a restauração da unidade dos cristãos é, acima de tudo, um dom do amor de Deus. Entretanto, baseados no nosso Baptismo comum e no património da fé que nos é comum, devemos intensificar o nosso testemunho comum dado ao evangelho e o nosso serviço comum à humanidade. Neste contexto gostaria de repetir as palavras que proferi durante a minha recente visita a Nassau: "Com profundo respeito e fraternal amor desejo também saudar todos os outros cristãos das Baamas" — e hoje acrescento: de todas as Antilhas — "todos quantos confessam connosco que Jesus Cristo é o Filho de Deus (*1 Jo* 4, 15). Estais certos do nosso desejo de colaborar leal e perseverantemente para conseguir, pela graça de Deus, a unidade que deseja Cristo Senhor". Caros Irmãos no Episcopado, este mistério, da unidade em Cristo e na Sua Igreja, deve ser vivido profundamente pelo Povo de Deus; e a base e centro de todas as comunidades cristãs é a celebração da Eucaristia (Cfr. *Presbyterorum Ordinis*). Peço que recordeis aos vossos fiéis o real privilégio que têm de se reunir para a Missa do Domingo, de estar unidos com Cristo na Sua adoração ao Pai. A Missa do Domingo é verdadeiramente de valor primário na vida dos fiéis, não no sentido de que as suas outras actividades careçam de importância e significado na vida cristã, mas antes no sentido de a Missa do Domingo encorajar, enobrecer e santificar tudo o que se vai fazendo durante a semana. Quando voltardes ao campo dos

vossos trabalhos pastorais, peço que certifiqueis todos os sacerdotes uma vez mais do meu afecto e, que façais todos os esforços para viver com eles a unidade da comunhão eclesial e do ministério, em toda a sua intensidade. Os missionários, ainda necessários nas vossas terras, têm especial lugar no meu coração e no coração de Cristo Salvador. Recomendo também os seminaristas aos vossos cuidados pastorais, de maneira que eles aprendam por experiência como é intensamente pessoal o amor que serão chamados a manifestar no nome de Cristo Bom Pastor, que uma a uma conhece pelo nome as suas ovelhas. E a todos quantos convosco colaboram na causa do Evangelho, em particular os catequistas, envio a expressão do meu reconhecimento. O meu especial afecto vai pára as famílias cristãs que se esforçam por dar exemplo da aliança de amor de Deus e da unidade da Igreja de Cristo. Antes de concluir, faço um apelo aos jovens das vossas Igrejas locais. Na comunhão da Igreja eles constituem sinal da juventude e dinamismo da mesma Igreja; são a esperança do Seu futuro. Façamos tudo o que pudermos pelos jovens de maneira que sejam educados na justiça e na verdade e alimentados pela palavra de Deus. Assim, rejeitando todas as ideologias enganadoras, viverão em verdadeira liberdade como irmãos e irmãs de Jesus Cristo. A todos quantos vos estão unidos na comunhão da Igreja envio a minha Bênção Apostólica, invocando a intercessão de Maria, Rainha do céu e Mãe de Cristo Ressuscitado. Não esqueço que, entre vós, vários Bispos são de língua francesa e até de departamentos franceses de além-mar, mas a proximidade e a semelhança dos problemas pastorais levam-vos a viver em solidariedade com os outros Bispos da região das Antilhas. Transmito aos vossos sacerdotes, aos vossos religiosos e religiosas e aos leigos cristãos das vossas Dioceses o pensamento afectuoso do Papa, com a sua exortação a que formem comunidades bem unidas, que saibam aprofundar e exprimir a sua fé, e se preocupem por viver o Evangelho no íntimo das suas vidas. E a vós próprios, queridos Irmãos, os meus votos ardentes pelo êxito do vosso ministério e a minha Bênção Apostólica. © Copyright 1979 - Libreria Editrice Vaticana